

Os barracões de bumba-meu-boi: Lugares de memória e recursos para o desenvolvimento do turismo cultural em São Luís, Maranhão (Brasil)

KAROLINY DINIZ CARVALHO * [karol27_turismo@yahoo.com.br]

Resumo | Na contemporaneidade a atividade turística fundamenta-se na busca por uma maior aproximação entre os visitantes e os lugares, que possuem um significado emocional e espiritual para uma determinada comunidade, sendo considerados representativos da memória e da identidade locais. O objetivo consiste em propiciar situações de lazer, aprendizado e intercâmbio sócio-cultural. O presente artigo propõe alguns apontamentos sobre a relação entre turismo cultural e lugar de memória, tomando como foco de análise os barracões de bumba-meu-boi na cidade de São Luís, Maranhão. Para a construção da base teórica do estudo foram utilizadas noções de patrimônio cultural, memória e identidade. Utilizou-se a pesquisa bibliográfica e de campo no intuito de refletir sobre as possibilidades e desafios na transformação dos barracões de bumba-meu-boi em locais de visitação turística. Constatou-se que os barracões, como suporte para a expressão do bumba-meu-boi, podem contribuir para o enriquecimento da relação entre turistas e patrimônio, mediante o planejamento equilibrado da oferta cultural, baseando-se nos pressupostos da sustentabilidade.

Palavras-chave | Lugar de memória, Turismo cultural, Barracão de bumba-meu-boi, São Luís - Maranhão.

Abstract | In contemporary tourism activity is based on the search for a closer relationship between visitors and the places that have a spiritual and emotional significance to a particular community, being considered representative of the memory and identity. The goal is to provide leisure situations, learning and socio-cultural exchange. This article offers some insights into the relationship between tourism and cultural place of memory, focusing on analysis of the barracks of bumba-meu-boi in São Luís, Maranhão. For the construction of the theoretical basis of the study were used notions of cultural heritage, memory and identity. We used a literature search and field work in order to reflect on the opportunities and challenges in the transformation of shacks bumba-meu-boi in places of tourist visitation. It was found that the shacks, as support for the expression of the bumba-meu-boi, can contribute to the enrichment of the relationship between tourists and shareholders through balanced planning of the cultural offer, based on the assumptions of sustainability.

Keywords | Place of memory, Cultural tourism, Shed bumba-meu-boi, São Luís - Maranhão.

* **Doutoranda em Ciências Sociais** pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA - Brasil). **Bolsista** da Capes e **Docente** do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado do Maranhão (IFMA).

1. Introdução

Na contemporaneidade torna-se reconhecida a importância do patrimônio cultural na promoção do desenvolvimento sócio-econômico em diversas regiões por intermédio do seu agenciamento pela atividade turística. A prática do turismo cultural, legitimada pela busca de aprendizado e educação por meio dos elementos constitutivos do legado cultural de uma dada localidade, pressupõe a necessidade de incorporar os espaços de vivência e convivência comunitária ao processo de desenvolvimento da atividade, no sentido de promover maior integração entre turistas e comunidades, estimular o sentimento de pertença dos residentes em relação ao patrimônio cultural, bem como a interpretação da cultura para grupos de visitantes.

O presente estudo tem por objetivo analisar a relação entre turismo cultural e lugar de memória, tomando como objeto de estudo os barracões de bumba-meu-boi na cidade de São Luís, Maranhão. Para a construção do *corpus* teórico recorreu-se à pesquisa bibliográfica e documental, com base nas considerações de Oliveira (1998) e Apolinário (2006) acerca dos processos de investigação científica. Assim, o estudo relaciona questões referentes a patrimônio cultural (Barretto, 2001; Bonfim, 2005), memória (Le Goff, 1996; Nora, 1993) e identidade (Hall, 2000), buscando refletir sobre as possibilidades e desafios na transformação dos espaços do cotidiano popular em locais de visitação turística.

Enquanto procedimento metodológico elegeu-se a abordagem qualitativa, a qual se caracteriza pelo tratamento e análise de dados que expressam as subjetividades, os simbolismos, atitudes e crenças dos grupos sociais. Na visão de alguns autores (Barros & Leheld, 2000; Apolinário, 2009; Minayo, 1994) a pesquisa de caráter qualitativo pressupõe o contato direto do pesquisador com o objeto ou realidade investigada, buscando o entendimento das relações, dos processos e dos fenômenos sociais de modo a revelar os significados, os detalhes e minúcias impossíveis de serem analisados sob a perspectiva quantitativa.

A partir dessa premissa, o esquema analítico proposto incidiu-se numa interpretação densa da cultura, tendo como principal referência os apontamentos sobre o fazer etnográfico discutidos por Geertz (1989, p. 20). Na sua visão, o pesquisador, ao empreender a experiência de campo, se depara “com uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar.”

Isso significa compreender a cultura no enfoque semiótico, como um conjunto de textos a serem interpretados pelo investigador, sendo que a interpretação realizada sobre determinados eventos será sempre uma dentre várias possibilidades sobre as interpretações feitas pelos nativos. A experiência de campo, nesse sentido, consiste numa escrita ou interpretação polifônica, tecida a partir das intersubjetividades e do diálogo discursivo entre o pesquisador e o grupo pesquisado.

Nesse sentido, a observação participante é compreendida como um contínuo movimento entre “interior” e “exterior” dos acontecimentos: “de um lado, captando o sentido de ocorrências e gestos específicos, através da empatia; de outro, dá um passo mais atrás, para situar esses significados em contextos mais amplos” (Clifford, 1998, p. 33). Ao discutir a “experiência etnográfica”, James Clifford toma por empréstimo de Dilthey (1914) citado por Clifford (1998) a noção de textualização, aqui entendida em termos da dialética entre experiência e interpretação:

Trata-se do processo através do qual o comportamento, a fala, as crenças, a tradição oral e o ritual não escritos vêm a ser marcados como um *corpus*, um conjunto potencialmente significativo, separado de uma situação discursiva ou “performativa” imediata. No momento de textualização, este *corpus* significativo assume uma relação mais ou menos estável com um contexto, e já conhecemos o resultado final em muito do que é considerado como uma descrição etnográfica densa. (Clifford, 1998, p. 39)

A experiência de tradução exposta por Clifford (1998) propõe que o pesquisador se situe às margens e vivenciar o contexto cotidiano dos grupos sociais pesquisados – de modo a buscar uma aproximação mais fidedigna (porém que não se esgota na análise pretendida) dos significados que a cultura compartilhada expressa para a comunidade pesquisada.

Para o alcance do objetivo proposto, realizaram-se entrevistas semi-estruturadas junto aos organizadores e participantes dos grupos de bumba-meu-boi da Maioba, Maracanã e do Boi da Floresta na cidade de São Luís, Maranhão, bem como a análise das relações estabelecidas por esses grupos na sua vivência cotidiana.

Para fins de complementação do estudo foram realizadas visitas às sedes dos respectivos barracões, utilizando-se a técnica de observação participante. As visitas foram empreendidas no período de maio a setembro de 2009, e incluiu o acompanhamento dos grupos nos períodos de ensaios, nas apresentações comunitárias em diferentes espaços sociais, tais como terreiros, feiras e praças públicas e nas apresentações oficiais durante os circuitos festivos da cidade.

O objetivo consistiu em coletar dados e informações sobre a manifestação cultural e a dinâmica particular de cada grupo por meio de entrevistas com as principais lideranças, bem como verificar as possibilidades de adequação daqueles espaços para a recepção sistemática de grupos de visitantes, mediante a observação sistemática das atividades desenvolvidas.

Diante do exposto, o trabalho apresenta-se dividido em seções. Na primeira parte, discute-se o patrimônio cultural e, por extensão, o lugar de memória como elemento da oferta turística, enfatizando as contribuições do turismo como fator de valorização cultural e provocador do sentimento de pertença da comunidade em relação aos bens culturais.

Em seguida, tece uma breve contextualização histórica sobre o bumba-meu-boi, manifestação cultural presente na cidade de São Luís, Maranhão, destacando as transformações verificadas nessa

brincadeira mediante sua inserção no mercado de consumo cultural. Ao abordar os barracões de bumba-meu-boi como lugar de memória e de interpretação do patrimônio cultural, discute-se as oportunidades e desafios para a transformação desses espaços em locais de visitação turística na cidade.

Parte-se do pressuposto de que a intercessão entre turismo cultural e lugar de memória pode contribuir para a dinamização da oferta turística da cidade de São Luís, possibilitando maior enriquecimento das relações entre turistas e residentes, além de estimular a valorização e preservação dos lugares mantenedores da memória e da identidade locais.

2. Patrimônio cultural, turismo e lugar de memória

Os grupos humanos partiram de uma unidade biológica comum e adaptaram-se a um contexto histórico e social específico, desenvolvendo formas diversificadas de agir enquanto membros de uma coletividade, isto é, passaram a simbolizar modos e estilos de vida próprios. Isso significa que o homem estabeleceu hábitos, costumes, práticas sociais, padrões comportamentais que fundamentam e legitimam todo o modo de pensar, sentir e agir em sociedade.

Da mesma forma, ao deter o controle sobre a natureza, os agentes sociais, através do uso de tecnologias, puderam cristalizar o seu estilo de vida em artefatos materiais, os quais dotados de uma dimensão simbólica e de uma representatividade permitem apreender a forma singular ou a estrutura que condiciona a existência empírica dos contemporâneos: a cultura. Inúmeros estudiosos – antropólogos, sociólogos, folcloristas e demais cientistas sociais – tentaram imprimir um conceito de cultura que abrangesse a totalidade de significados que este termo adquire para uma determinada realidade social, surgindo assim, uma ampla gama de acepções teóricas.

Segundo Laraia (1997), cultura é um conjunto de valores, crenças, costumes, hábitos e fatores históricos materiais e imateriais que permeiam, de forma dinâmica, a vida social. Ou seja, a cultura é construída ao longo de processos históricos e materiais de um povo, através de suas inter-relações e modos de vida.

Esta concepção de cultura é reforçada por Chauí (2007), que entende a cultura como uma instituição social, sendo determinada pelas condições materiais e históricas de sua realização. Desse modo, a cultura é inerente a cada povo, transformando suas experiências tangíveis e intangíveis a partir do trabalho, o qual ultrapassa e modifica algo existente em algo novo. Assim sendo, permite que qualquer povo, independente de suas condições materiais e históricas, tenha uma cultura peculiar.

Para Turner (2008), citado por Sahlin (1997, p.122), a cultura deve ser entendida como “[...] o meio pelo qual um povo define e produz a si mesmo enquanto entidade social em relação à sua situação histórica em transformação”. Desta forma, percebe-se que a cultura é dinâmica e se transforma de acordo com o contexto vivenciado por cada sociedade, (re)significando seus costumes, crenças, hábitos e valores.

Já Canclini (1985, p.29), entende a cultura como “[...] todas as práticas e instituições dedicadas à administração, renovação e reestruturação do sentido”; esta é uma visão mais relacionada aos aspectos subjetivos da cultura, a qual reforça a intra-relação entre cultura e a (re) construção das identidades de um povo.

A partir do significado polissêmico do termo cultura expresso por diferentes linhas teóricas, pode-se apreender que ela se constitui no conjunto de significados, valores, visões de mundo, padrões de comportamento construídos ao longo dos processos históricos e sociais, das vivências compartilhadas entre os diferentes grupos sociais, os quais estabelecem vínculos de pertencimento.

Para as reflexões aqui desenvolvidas, parte-se de uma concepção semiótica da cultura seguindo

a perspectiva de Geertz (1989) de que os grupos sociais são seres simbólicos e sua produção cultural apresenta valores, sentidos e significados que só podem ser compreendidos a partir da lógica do sistema cultural que a determina e que ao mesmo tempo é determinado por ela.

É nessa perspectiva que se compreende a cultura e suas manifestações, enquanto expressões a nível simbólico, da realidade empírica vivenciada pelos segmentos na sua experiência cotidiana. Nesse sentido, a cultura tanto pode ser expressa por elementos tangíveis – casas, museus, igrejas, etc., quanto por aqueles que, transcendendo a uma existência concreta, tornam-se elos entre a contemporaneidade e um passado socialmente produzido, ou seja, diz respeito a um patrimônio espiritual.

Enquanto reflexo e produto da dinâmica social, o patrimônio cultural apresenta-se de forma diversificada, englobando as produções materiais e imateriais, passadas e presentes, os modos de vida, práticas e manifestações culturais que particularizam uma determinada sociedade.

Na contemporaneidade o patrimônio passa a ser vinculado aos elementos da cultura e as mudanças que esse conceito vem recebendo por influências das ciências sociais, particularmente da antropologia. Seguindo a perspectiva simbólica de cultura enquanto construção social dinâmica, na qual os grupos sociais operam mecanismos de seleção e apropriação de determinados elementos representativos de uma identidade (Prats, 2003), a definição de cultura que orienta o presente estudo equivale às produções materiais e imateriais, passadas e presentes, os modos de vida, práticas e manifestações culturais que particularizam uma determinada sociedade (Jeudy, 1990).

O patrimônio figura como artifício construído pelo homem, expressão cultural identitária dos grupos sociais e adquire sentido como materialização da “teia de significados”, que, segundo Geertz (1989, p.15), envolve as ações coletivas e caracterizam a vida e a cultura do homem.

O patrimônio cultural confere sentido e significado às vivências coletivas do homem em sociedade.

O conjunto desses elementos estabelece vínculos de temporalidade espaço-temporal entre os grupos sociais, contribuindo para a reconstrução e o fortalecimento da memória e da identidade em uma determinada região:

O patrimônio é uma das partes mais visíveis da memória coletiva de uma sociedade, história materializada em objetos e em ações carregadas de significados; são símbolos que, continuamente, lembram que a realidade dos processos socioculturais atuais está no passado e se articula constantemente com ele, ao redefini-lo e redefinir-se ao mesmo tempo. (Dias, 2006, p. 100)

Memória e patrimônio estão inter-relacionados, uma vez que ambos, quando acionados, aludem às reminiscências que conferem aos grupos sociais o sentido de pertencimento a uma determinada cultura e sociedade. A memória, segundo Le Goff (1996), não se refere somente à capacidade humana de reter informações, constituindo-se num processo permanente de seleção e interpretação de determinadas lembranças de fatos e acontecimentos passados.

A memória está relacionada intimamente às experiências em sociedade, sendo reelaborada no presente, como fio condutor das tramas de relações que envolvem as subjetividades dos diferentes grupos sociais, “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (Le Goff, 1996, p. 476, grifo do autor).

De acordo com Pollack (1984) através da memória intensifica-se o sentido de pertencimento dos grupos sociais a um passado ou origem comum, delimitando, nesse sentido, fronteiras sócio-culturais. Considerando que as lembranças precisam de elementos que permitam a sua rememoração, o patrimônio cultural – material e intangível – revela-se como lugar de referência, lugar de memória (Nora, 1993). Nesse sentido, o patrimônio cultural enuncia

valores e sentidos que são percebidos e identificados pelos grupos sociais como parte integrante de um repertório comum, de vivências coletivas passadas e reinterpretadas no cotidiano.

Desse modo, a existência de patrimônios culturais fornece aos grupos sociais um conjunto de códigos, simbologias, sinais, que estabelecem o substrato a partir do qual as identidades tornam-se enraizadas em meio à fragmentação e dispersão dos laços culturais que caracterizam as sociedades pós-modernas.

Assim, o conjunto desses elementos contribui para a reconstrução e o fortalecimento da memória e da identidade em uma determinada região. Acompanhando as transformações sociais, a memória torna-se seletiva, sendo reelaborada continuamente no presente. Estabelecendo com ele novas interpretações, contribui também para a redefinição das identidades individuais e coletivas. Segundo Maurice Halbwachs (1991, p.2),

La memoria colectiva insiste en asegurar la permanencia del tiempo y la homogeneidad de la vida, como em un intento por mostrar que el pasado permanece, que nada ha cambiado dentro del grupo y por ende, junto com el pasado La identidad dese grupo también permanece, así como sus proyectos.

Segundo Hall (2000), a identidade cultural manifesta-se na relação com membros de culturas diversas e, por isso, sofre processos de enriquecimento a partir das múltiplas possibilidades de vinculação do indivíduo enquanto agente integrante de um contexto social e cultural específico. O autor argumenta ainda que na pós-modernidade as identidades tornam-se móveis, fluidas, não apresentando contornos ou matizes definitivos.

Na contemporaneidade, o patrimônio cultural vem adquirindo relevância no cenário econômico, sendo utilizado como recurso possível para alavancar o desenvolvimento socioeconômico em diversas regiões. Nesse contexto, as tradições culturais passam a estabelecer um diálogo estreito com o merca-

do de bens simbólicos, com a projeção dos saberes e fazeres tradicionais nos espaços de produção e consumo turístico.

Sendo as práticas culturais elementos diferenciadores da oferta turística de uma localidade, estas se tornam estratégia de posicionamento e competitividade, e de atração de um público de visitantes para os destinos. Conforme observa Yúdice (2004, p. 12):

A cultura é hoje vista como algo que hoje se deve investir, distribuída nas mais diversas formas, utilizada como atração para o desenvolvimento econômico e turístico, como mola propulsora das indústrias culturais e como uma fonte inesgotável para novas indústrias que dependem da propriedade intelectual.

O turismo carrega em seu significado a busca pela produção cultural de uma comunidade (Costa, 2009). Enquanto fenômeno social oportuniza o intercâmbio entre culturas ao possibilitar o convívio dos turistas com os aspectos representativos do patrimônio cultural (conjuntos arquitetônicos, sítios arqueológicos, danças típicas, religiosidade, gastronomia, o artesanato, a musicalidade, performances artística). Na visão de Moesch (2000, p. 9) o turismo constitui:

Uma combinação complexa de inter-relacionamento entre produção e serviços, em cuja composição integram-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais.

Por meio dos patrimônios culturais, a atividade turística promove trocas recíprocas entre os grupos sociais e, conseqüentemente, o reconhecimento da diversidade cultural em meio ao processo de globalização e da tendência à padronização do capital simbólico que se verifica nas sociedades contemporâneas.

A atividade constitui-se num dos principais reflexos da globalização econômica e simbólica

verificada entre as diversas localidades, interpondo tradições e heranças específicas em zonas de contato num movimento de constante interação. Assim, o turismo como sinônimo de intercâmbio de informações, conhecimentos, e bens simbólicos apresenta-se como fenômeno dialógico, ao promover interações e possibilitar aos visitantes o contato com a realidade e o cotidiano das comunidades receptoras.

Essa constatação permite compreender o turismo como uma experiência que pressupõe a descoberta do eu e do outro numa perspectiva de integração, com repercussões positivas no exercício de alteridade. Paralelamente, o turismo é identificado como suscitador do sentimento de pertença da comunidade em relação ao seu patrimônio, estimulando a conservação da memória e da identidade cultural (Barretto, 2001).

A associação entre turismo e patrimônio cultural torna-se mais significativa quando são oportunizadas situações nas quais os turistas possam vivenciar as diferentes formas de expressão dos saberes e fazeres populares tradicionais, produzidas e vividas como autênticas, tanto por parte da comunidade local, quanto por parte dos visitantes.

Entretanto, observa-se a necessidade de um planejamento sustentável e equilibrado da oferta cultural, no sentido de atender às expectativas da população local e possibilitar a validação da experiência turística. A sustentabilidade diz respeito e a uma gestão compartilhada dos recursos e valores locais, que concilie os projetos de desenvolvimento econômico e a elevação da qualidade de vida para todos os atores intervenientes na atividade turística.

O segmento turismo cultural que antes se dirigia aos ícones ou cenários dos grandes acontecimentos históricos, baseado, fundamentalmente, na contemplação passiva ou na fruição estética do bem patrimonial, passa a privilegiar a história do lugar sob a perspectiva das diferentes memórias e recordações nele impregnadas, dos saberes e fazeres tradicionais.

A atividade vem acompanhando, assim, a ampliação do conceito de patrimônio cultural, e contribuindo para a valorização dos lugares da memória popular, por intermédio da busca por uma maior interação entre turistas e comunidades receptoras e da experimentação – material e simbólica – de seus patrimônios afetivos, “os turistas querem ser atores, responsáveis e solidários em seus intercâmbios pelo mundo” (Zaoual, 2009, p. 57).

Por intermédio da realização de percursos ou itinerários que privilegiam o contato dos turistas com o patrimônio cultural apresentado e vivenciado pelos atores locais e, ainda, por meio da participação ativa dos visitantes nas celebrações, festas e rituais tradicionais, idealizados e formatados com ampla participação da comunidade, o turismo cultural quando desenvolvido em bases comunitárias sustentáveis pode favorecer oportunidades de apresentação das culturas locais sob diferentes matizes.

Através da valorização das singularidades das localidades receptoras e do encontro de alteridades, busca-se a atribuição ou a afirmação de novos sentidos e significados aos espaços turísticos, sejam eles urbanos ou naturais, tornando os visitantes em protagonistas da experiência ou performance turística. O intercâmbio sócio-cultural baseado em vivências lúdicas, espirituais ou educacionais tende a reforçar o papel da atividade turística no processo de valorização e preservação do patrimônio cultural, das memórias e das tradições locais. Consequentemente, tende a

[...] transformar a experiência de visitação de um lugar em uma experiência de significado diferenciado, prazerosa e, por consequência, em uma memória única, satisfatória, no sentido do atendimento às necessidades de lazer, informação, cultura e convívio social, entre outros. (Ashton, 2006, p. 15)

Nessa perspectiva, busca-se uma maior aproximação dos turistas e visitantes nos lugares identificados e reconhecidos pelos residentes como o

seu patrimônio, ou seja, locais que possuem um significado emocional e espiritual, estando vinculados à trajetória sócio-cultural de uma comunidade. Trata-se de lugares impregnados de um forte conteúdo simbólico e identitário, através dos quais a população sente-se integrada ao meio onde vive, estabelece relações de reconhecimento e de troca, e delimitação de fronteiras culturais.

Segundo Pierre Nora (1993), os lugares de memória caracterizam-se por serem dialeticamente materiais, simbólicos e funcionais, evidenciando as relações intrínsecas existentes entre a cultura corporificada, objetivada, e a sua face imaterial ou intangível. Apresentam-se, assim, como sítios simbólicos de pertencimento, reveladores de vivências, crenças, ritos, rituais, celebrações, costumes e estilos de vida das comunidades (Zaoual, 2006).

Ampliando essa discussão, Berdoulay (2007) evidencia as relações intrínsecas existentes entre as dimensões espaciais do lugar, corporificadas e objetivadas, e a sua face imaterial ou intangível. Compreende o lugar de memória como espaço *in situ*, isto é material, construído e edificado ao longo das relações sociais, e *in visu*, posto que surge também no plano mental ou subjetivo.

Lugares de memória – a exemplo das feiras e mercados populares, santuários, locais de ro-maria e peregrinações religiosas, dos territórios das comunidades quilombolas, das casas de culto afro – apresentam-se como espaços de visitação turística em muitas localidades, sendo agenciados e comercializados por órgãos públicos, associações e organizações não-governamentais, traduzindo-se em alternativas para a manutenção das tradições, usos e cotidianos de várias comunidades.

Seguindo essa perspectiva, os lugares populares podem ser compreendidos como sendo espaços evocadores da historicidade e do desenvolvimento comunitário, em suas dimensões materiais e intangíveis, onde as diversas memórias dos segmentos populares encontram-se enraizadas. Nesse sentido, podem ser caracterizados como sítios de pertencimento (Zaoual, 2006), reveladores de vivências,

crenças, ritos, rituais, celebrações, costumes e estilos de vida das comunidades.

A compreensão do patrimônio cultural enquanto criação coletiva, produto e processo das sociedades, abrange também uma análise acerca daquelas porções do urbano que se descortinam como testemunhos de um passado em estreita relação com o presente e que denotam sentido e significado memorialístico para a comunidade, tornando-se patrimônios afetivos (Martins, 2004).

Estando voltados para as demandas das sociedades contemporâneas, esses patrimônios afetivos assumem uma posição de continuidade no tempo e no espaço, e em alguns casos, são reconfigurados, tornando-se vetores para a expressão de novos valores e significados culturais presentes nas sociedades, porém, mantendo as suas especificidades históricas e arquitetônicas. Pellegrino (2002, p. 1) conceitua os lugares referenciais como sendo:

[...] objetos no espaço definidos como materialidades e práticas culturais que, ao serem contemplados e despertarem a reflexão, destacam-se no tecido urbano e no conjunto das manifestações populares, por mediarem distintos fatos históricos ou por representarem heranças técnicas, estéticas e culturais de temporalidades passadas.

A concepção de lugares referenciais indicada por Pellegrino (2002) segue a perspectiva dos lugares de memória proposta por Nora (1993). Determinados marcos da cidade tornam-se símbolos, referências para a comunidade, apresentando a função de ativar a lembrança dos moradores acerca de determinados fatos ou acontecimentos existentes na história da cidade, ao tempo em que promovem novas articulações com o presente.

Transformados em lugares referenciais ou lugares de memória, tornam-se verdadeiros guardiões das relações materiais e imateriais que determinados grupos de uma sociedade julgam ser relevantes para a compreensão de sua própria trajetória cultural. As experiências humanas, associadas aos lugares,

tecem as relações entre a memória individual e a memória coletiva. Nesse patamar, os lugares de memória são espaços destinados ao uso, à preservação, e a transmissão de uma determinada herança cultural. Compreende-se, a partir desses enunciados, que os lugares de memória não são estáticos, estanques,

[...] mas lugares mistos, híbridos e mutantes, intimamente enlaçados de vida e de morte, de tempo e de eternidade, numa espiral do coletivo e do individual, do prosaico e do sagrado, do imóvel e do móvel [...] e é isso que os torna apaixonantes: que os lugares de memória vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações. (Nora, 1993, p. 22)

Decorre dessa afirmação que os lugares de memória materializam a veicidade dos processos históricos e as vicissitudes dos diferentes agentes e, enquanto construção social abrangem sucessivos mecanismos de atualização das identidades, considerando o processo de fragmentação ou descentramento identitário que caracteriza as sociedades contemporâneas.

As memórias associadas aos lugares podem, numa perspectiva de desenvolvimento, propiciar trânsitos de visitantes que buscam o contato com o patrimônio cultural das comunidades por meio do desenvolvimento de atividades vivenciais e de lazer capazes de produzir situações de aprendizado e educação.

É nesse sentido que se pretende refletir sobre as possibilidades de transformação dos espaços do cotidiano popular em locais de visita turística, focalizando os barracões de bumba-meu-boi na cidade de São Luís, Maranhão. A inserção dos barracões em roteiros culturais pode permitir uma maior inserção dos atores locais na gestão turística, e o aproveitamento equilibrado do legado cultural pelo turismo, vislumbrando novas possibilidades nas relações entre turistas e residentes, baseada na vivência dos aspectos representativos da cultura local.

3. O bumba-meu-boi São Luís (MA): história, memória e tradição

Compreende-se a festa como realidade integrada ao cotidiano, caracterizando-a como produto de uma ação coletiva que ocorre em espaço e tempos definidos, mediante a articulação de afetos e emoções dos grupos em torno de um objeto que é celebrado e comemorado. A reunião ativa destes produz como resultado principal a simbolização de uma unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade (Guarinello, 2001). A festa revela-se ao mesmo tempo produto de determinadas relações sociais – bem como dos conflitos e contradições neles existentes.

As festas, enquanto momentos de comemoração e conagração popular possuem o seu enraizamento e organização no interior de uma determinada comunidade, sendo importantes no processo de coesão social e de reforço da memória e dos valores identitários de um lugar, contribuindo para o sentido de pertencimento. As comemorações populares são momentos de efervescência coletiva nas quais identidades são gestadas e compartilhadas pelos atores sociais como referentes sinalizadores da diferenciação cultural. As experiências coletivas que se organizam ao longo dos momentos festivos aperfeiçoam os laços sociais entre os participantes para além das hierarquizações e dos papéis que estes desempenham numa dada realidade.

As manifestações populares tornam-se ainda polissêmicas, posto que a elas se associam de forma dinâmica, o trabalho e o lazer, a diversão e a devoção, o sagrado e o profano, além de convergirem importantes mecanismos de sociabilidade e reciprocidade cultural que intensificam o sentido de pertença à uma determinada cultura. Brandão (1974, p. 28) considera que as festas são:

Acontecimentos sociais de envolvimento parcialmente coletivo que geralmente observam uma ruptura com a rotina seqüente na vida social, que cria comportamentos sobretudo, rituais, logo expressivos e relações interativas de fora e efeitos de períodos longos da rotina.

Inserir-se nesse cenário o bumba-meu-boi, manifestação cultural presente em São Luís, capital do Estado do Maranhão, e que vem se constituindo num importante elemento da oferta turística dessa localidade. Esta se caracteriza pela capacidade de mobilização e participação comunitária, na qual se sobressaem formas distintas de expressão da identidade local, reveladas na diversidade de sotaques, ritmos, toadas e personagens que se apresentam nos terreiros e nos espaços públicos da cidade durante os festejos juninos (Figura 1).

A brincadeira do boi constitui um dos traços culturais marcantes na cultura brasileira, principalmente na região Nordeste, mas disseminou-se por quase todos os estados do país, notadamente nas



Figura 1 | Apresentações de grupos de bumba-meu-boi.



Fonte: acervo da Secretaria Municipal de Turismo de São Luís (2008).

regiões Norte e Nordeste. Sua origem está ligada ao ciclo do gado, adquirindo denominações, ritmos, formas de apresentação, indumentárias, personagens, instrumentos, adereços e temas diferentes.

Enquanto que no Maranhão, Rio Grande do Norte e Alagoas é chamado Bumba-meu-Boi, no Pará e Amazonas é Boi-bumbá ou pavulagem; em Pernambuco é Boi-calemba ou bumbá; no Ceará é Boi-de-reis, Boi-surubim e Boi-zumbi; na Bahia é Boi-janeiro, Boi-estrela-do-mar, dromedário e mulinha-de-ouro; no Paraná, em Santa Catarina, é Boi-de-mourão ou Boi-de-mamão; em Minas Gerais, Rio de Janeiro e Cabo Frio é Bumba ou folguedo-do-Boi.

Em comparação às demais brincadeiras existentes em nível nacional no estado do Maranhão o bumba-meu-boi apresenta-se com características particulares, destacando-se a própria data de festividade que ao contrário do resto da região, relaciona-se às festas juninas. É realizado em comemoração à Santo Antônio, São Pedro, São João e São Marçal. Essa manifestação cultural resulta dos processos históricos e sociais pelos quais a cidade de São Luís vivenciou ao longo do seu desenvolvimento. Em sua configuração, podemos identificar aspectos da cotidianidade maranhense, as lutas de resistência e de sobrevivência dos grupos étnicos formadores dessa região, além de uma forte componente simbólica e religiosa:

Com a mesma caracterização histórica que originou o folguedo no Brasil, no Maranhão, porém, o Bumba-meu-boi diferenciou-se das demais formas nacionais, adotando um conteúdo ritualístico próprio, diversificando seus estilos e sotaques; criando novas formas de apresentação, de músicas, de adereços e pautando sua sobrevivência pelo gosto popular, sem, no entanto, desrespeitar a lenda que dá origem ao auto. (Marques, 1999, p. 32)

De um modo geral, o bumba-meu-boi consiste na brincadeira de dança, canto e realização de performances corporais dos brincantes em torno de uma carcaça de boi bailante, conhecidos localmente como Bumba-meu-Boi, Bumba-Boi ou simplesmente

Boi. A essência da lenda enlaça a sátira, a comédia, a tragédia e o drama, e demonstra sempre o contraste entre a fragilidade do homem e a força bruta de um Boi.

O enredo gira em torno da história de um rico fazendeiro que possui um boi muito bonito, que sabe dançar. Um dos trabalhadores negros da fazenda denominado "Pai Chico", rouba o boi para satisfazer o desejo de sua mulher "Catirina", que está grávida e sente uma forte vontade de comer a língua do boi. O fazendeiro manda seus empregados procurarem o boi e quando o encontra, ele está morto. Os pajés – curandeiros – são chamados para ressuscitarem o boi. Após rezarem, o boi renasce e todos celebram a saúde do boi com a realização de uma grande festa.

A apresentação completa de um boi gira em torno de duas horas, compreendendo: - a chamada para "guarnecer", cantada nas proximidades do local em que vai se apresentar; - chegada e saudação aos donos de casa; – elogio do Boi e louvação ao Santo (São João, São Pedro, etc.); – a "comédia"; – a despedida:

O Bumba-meu-Boi é sem dúvida um dos folguedos populares mais característicos do Maranhão, com um elevado poder expressivo de comunicação. Auto dramatizado, com uma constante temática conhecida mas que se enriquece cada ano de novos elementos, o Bumba-meu-Boi tem um elevado poder de comunicação porque funciona, no plano sócio-psicológico, como uma espécie de revista do ano. As toadas que os vaqueiros cantam, invariavelmente celebram acontecimentos verificados no ano, marcando fatos e pessoas, numa identificação comum de anseios, num nivelamento social que lembra os processos de *transfert* que as *pitoigias* gregas representavam. E a expressão dramatizada do auto, em sua forma típica de teatro, concorre igualmente para operar uma comunicação massal. Brincando em pátios e terreiros, em ambiente aberto portanto, os figurantes se identificam com o público que também participa ativamente do folguedo. Com essas características, o Bumba-meu-Boi é uma forma de comunicação popular ativa que desafia

o tempo, numa vitalidade impressionante. (Vieira Filho, 1970, citado por Santos, 1972, p. 2)

O universo do bumba-meu-boi comporta diversos *sotaques* ou estilos de brincar: sotaque da ilha, sotaque de orquestra, sotaque da baixada e sotaque costa-de-mão. Cada sotaque engloba uma série de grupos com determinadas características que os aproximam entre si e os separam de outros grupos pertencentes a outro sotaque; todos os sotaques, contudo, são vistos como partes, ou aspectos, de um mesmo fenômeno cultural.

Introduzido pelos negros africanos, os primeiros registros sobre o bumba-meu-boi datam do final do século XVIII e início do XIX, período no qual sofreu constantes repressões pela classe burguesa ludovicense que em alguns casos, tornou impeditiva a livre manifestação pelos setores populares, em virtude do seu caráter contestatário e de sublevação à ordem socialmente estabelecida, ao mesmo tempo em que revelava estratégias de manutenção e atualização de uma memória etnocultural específica, diante de uma realidade socioeconômica excludente.

O bumba-meu-boi engendra amizades, encontros, comunicação, trânsito, diálogo e, ao mesmo tempo, rivalidades e disputas entre os grupos. Delimita ainda um universo rico e pujante, que mistura lazer, trabalho, compromissos, festas, artes, ritos, mitos, performances, crenças e devoção. Envolve milhares de maranhenses ao longo de seu ciclo festivo, que se estende durante quase todo o ano, embora seu período de maior efervescência esteja concentrado no mês de junho.

A devoção no bumba-meu-boi constitui-se um traço marcante que demonstra a relação existente entre os grupos e os santos do período junino, notadamente São João. Além dos santos católicos, observa-se a devoção em forma de pagamento de promessa ou obrigação para entidades espirituais cultuadas em terreiros de Tambor de Mina, Umbanda, Pajelança, dentre outros.

A religiosidade para os brincantes do boi atinge seu ápice no batismo. Esse confere ao grupo uma

afirmação de identidade, configurando-se parte de um ciclo, que se inicia com os ensaios – momentos em que o boi está no circuito doméstico e na intimidade das relações entre os componentes de cada grupo e se prepara para dançar para além da comunidade – e posteriormente com o batismo, momento em que o boi recebe a bênção e a proteção do santo, passando então para a fase das apresentações públicas.

Após o batismo, os batalhões de bumba-meu-boi (nome com que são denominados os grupos) adentram nos terreiros, nos arraiais da cidade, onde podem ser vistos por diferentes espectadores, até que o processo ritualístico se cumpra com a morte do boi. Este momento demarca o término de um ciclo, na confirmação de que o boi novamente ressuscitará no ano seguinte, reiniciando o ciclo. Essas fases ou etapas da brincadeira apresentam um rico simbolismo, expressando as diferentes visões de mundo e a forma com que os grupos de bumba-meu-boi gestam, compartilham e interiorizam as relações e conflitos experienciados na sua vida cotidiana.

O caráter de devoção, de religiosidade, de ritual, expõe na manifestação do bumba-meu-boi a própria organização social do grupo, dando forma simbólica às interações ocasionadas em sua estrutura. E considerando o bumba-meu-boi reflexo das experiências cotidianas, este se torna lugar memória, desvelando por meio do auto, as aspirações de uma classe social específica, suas lutas cotidianas, as reivindicações para uma elevação da qualidade de vida, as críticas ao modelo social instituído.

Durante as etapas de preparação, ensaios, nos momentos que antecedem as apresentações, e ao final delas instala-se uma *communitas* (Turner, 2008) entre os membros de cada grupo de bumba-meu-boi, um sistema de relações sociais ou uma modalidade de interação social que se opõe à estrutura, mediante o estabelecimento de outras normas, posições e regras que propicia um distanciamento dos sujeitos e uma reflexão crítica sobre a realidade social em que estão inseridos, a inversão de hierarquias e criação de laços de solidariedade entre eles.

Práticas coletivas e transformadoras, no âmbito da dinâmica das manifestações populares, estão envolvidos diferentes elementos: devoção/diversão, trabalho/lazer, sagrado/profano, ritual/espetáculo, sobretudo, quando estas se inserem no mercado turístico. O turismo, enquanto momento extraordinário, de suspensão ou ruptura do cotidiano, agrega novos valores e significados à dinâmica das festas populares, implicando processos de adaptação e incorporação, ou seja, de deslocamento de fronteiras, complexificando os mecanismos de representação identitária.

A aceleração do intercâmbio cultural, atrelada às modernas tecnologias da informação e da comunicação, ocasiona o surgimento de produtos culturais híbridos, que transitam em diferentes sistemas culturais e não possuem fronteiras definidas, desconstruindo, assim, a concepção tradicional de cultura. Em articulação aos processos de produção e consumo de mercadorias e de bens simbólicos que operam em nível global, as festas populares como atrativos turísticos passam a adotar novas funções e significados, associadas ao desenvolvimento de atividades de ócio e de lazer em virtude da presença de visitantes.

A incorporação das culturas no circuito turístico provoca mudanças nas atitudes dos viventes em relação ao cotidiano e às práticas culturais ditas tradicionais, agora transformados em bens de consumo, e que obedecem a novas racionalidades e funções atreladas à importância dos signos e do espetáculo na formatação e gestão da oferta cultural enquanto produto turístico "devido a sua particular combinação do visual, do estético e do popular" (Urry, 1996, p. 123).

Trata-se de uma relação dialética que favorece a articulação e o entrelaçamento dos sistemas culturais postos em contato, revigorando as identidades. Ao mesmo tempo, o turismo contribui para os processos de assimilação e mudança cultural, estando inserido numa rede complexa e dinâmica de criação e recriação das memórias e das identidades.

No processo de implantação ou desenvolvimento do turismo cultural, assiste-se a uma crescente articulação entre os poderes públicos e o empresariado,

no sentido de aumentar o nível de competitividade do destino turístico no mercado. Nesses casos, os elementos da cultura imaterial, tais como os festejos populares sagrados e profanos, os rituais e as danças tradicionais afiguram-se como atrações turísticas com elevado potencial de captação de visitantes, diversificando a oferta de atrativos e minimizando a sazonalidade do destino em períodos de baixa estação:

[...] as oportunidades que presentan los festivales, como nueva oferta turístico-cultural especializada, son importantes pues se trata de acontecimientos periódicos de alto nivel cultural y artístico, muchas veces en entornos patrimoniales de interés turístico, con una diversidad tal que les convierte en un producto de gran interés para un público muy diferente. (Sánchez & García, 2003, p. 101)

Em determinados destinos turísticos, as festas e danças populares são ressignificadas quando da sua inserção ao sistema de produção e consumo turístico, destacando-se a banalização das festas tradicionais, bem como a transformação de rituais sagrados em rituais de entretenimento (Santana, 2009).

Nesse sentido, Carvalho (2000, p. 79) adverte que os rituais sofrem uma redução semiológica e semântica a partir do momento em que se configuram como um espetáculo comercial. Segundo o autor, este tende a desvincular das manifestações "suas dimensões locais de identidade, pertença, religiosidade, consciência histórica, criação estética, originalidade, fonte de auto-estima e resistência política."

No entendimento da dinâmica dos processos culturais torna-se importante enfatizar a perspectiva de Turner (1974), para quem os símbolos expressam a diversidade da ação simbólica humana, sendo entidades flexíveis, polissêmicas e multivocais, apresentando uma abertura semântica mediante a polarização de seus significados que variam acordo com o contexto ritual em que se inserem. Assim, as configurações de uma determinada cultura só podem ser entendidas considerando-se a arbitrariedade e a gerência dos atores sociais, assim como a

relação dos símbolos diante da estrutura mais ampla que lhe confere significado.

Mediante essa proposição, o turismo insere-se num amplo processo de regeneração das culturas e das identidades locais, enquanto estratégia de inserção econômica e de diferenciação no mercado, dando origem a novos contornos e matizes às manifestações festivas. Para além da aculturação, compreende-se atualmente que os sistemas culturais postos em contato incorporam determinados elementos, promovendo constantes reinterpretações e ressignificações culturais, sendo os grupos locais agentes criativos da mudança e da inovação.

Assim, de prática coletiva, o bumba-meu-boi redefine-se na lógica de produção e consumo cultural, destacando-se como elemento de atratividade turística para a cidade de São Luís, por intermédio da sua vinculação em campanhas de marketing direcionadas aos turistas potenciais, e do estímulo para a adequação do bumba-meu-boi enquanto produto turístico.

A partir da década de 1970 e acompanhando a emergência de novas mentalidades, imbuídas de valores e atitudes modernizantes, o bumba-meu-boi notabiliza-se no contexto turístico maranhense, projetando-se como um dos principais ícones da cultura popular local. Enquanto símbolo da identidade local torna-se alvo também de políticas culturais e de promoção turística, uma vez que se identifica o seu potencial na geração de negócios e na melhoria da qualidade de vida das comunidades.

Contudo, esse processo veio acompanhando pelo surgimento de manifestações parafolclóricas, e por mudanças realizadas pelos grupos no auto do bumba-meu-boi, notadamente a injeção de novos elementos, os quais não obedecem ao tempo social dos brincantes. Essas inovações contribuem para a descaracterização da tradição e para a espetacularização da brincadeira, a qual, ressignificada, adequa-se às veleidades do mercado turístico em expansão.

O surgimento de grupos parafolclóricos, tais como o boi Barrica e o Pirilampo, emerge como parte integrante do processo de redefinição do bumba-

meu-boi. tais grupos difundem a manifestação do bumba-meu-boi em nível nacional e internacional, recebendo apoio institucional para a realização de apresentações em eventos de cunho turístico-cultural.

Os grupos parafolclóricos possuem um nível maior de aceitabilidade nas estratégias de marketing cultural e de apoio/ financiamento dos órgãos públicos e privados para os registros visuais, acesso a matérias-primas e indumentárias, pois estes são mais suscetíveis às veleidades do mercado turístico. Nos eventos turísticos institucionalizados, os grupos parafolclóricos adequam-se perfeitamente ao calendário das apresentações. A respeito do fenômeno parafolclórico em São Luís, destacamos a afirmação de Lima (2002, p. 15):

Aos grupos folclóricos moderninhos que insistem em se autodenominar bumba-meu-boi, apropriaram-se na brincadeira junina tradicional e transformaram-na em um show de tv, espetáculo colorido e esfuziante, agravável aos olhos, senão imitação pelo menos inspirados nos grupos de 'tchan' ou nas escolas de samba (...).O antigo *rebanho* agora se chama *quadra de ensaio*. Os *cordões* são *alas*. A dança primitiva e espontânea obedece a uma coreografia ensaiada por experts de ballets. O *amo* passou a *mestre-sala*. Os adereços têm grifes de renomados artistas plásticos. Enfim, o boi sofisticou-se". (...) "Aliás, realçado pelas reduzidas indumentárias das brincantes que põem em destaque as formas esculturais de verdadeiras modelos. Mas, por que chamá-lo bumba-meu-boi? Por que não classificá-los, com toda a propriedade e justiça como grupo da dança folclórica, teatro de rua ou coisa equivalente?

Observa-se um crescente processo de estetização da brincadeira, com o distanciamento dos brincantes em relação aos espectadores, o apelo visual e performático dos grupos folclóricos, e a criação de um cenário normatizado, onde se sobressaem a passividade do público e o seu olhar direcionado aos elementos estéticos e performáticos da manifestação.

A perspectiva comercial do bumba-meu-boi adéqua-se aos limites do cenário turístico, com delimitação de horários, repertórios, figurinos, e duração das apresentações culturais. Nelas, as trocas simbólicas operam numa esfera global, híbrida e envolvem os órgãos de cultura, promotores de eventos, patrocinadores e o empresariado que atua no turismo, “international tourism is an exchange system of vast proportions, one characterized by a transfer of images, signs, symbols, power, money, goods, people, and services” (Bruner, 1996, p. 157).

A abreviação das apresentações de bumba-meu-boi reduz as possibilidades dos visitantes entrarem em contato com a dimensão simbólica dessa celebração popular, e assim, possam compreender a importância do bumba-meu-boi como elemento mantenedor de uma memória étnico-cultural específica.

De acordo com os atores sociais investigados, as apresentações realizadas nos meses que extrapolam o ciclo tradicional das brincadeiras de bumba-meu-boi revestem-se de um caráter formal, contratual, vinculado à profissionalização dos grupos. Todos os organizadores das brincadeiras que se apresentaram durante o período de realização da pesquisa afirmaram terem realizado o registro de personalidade jurídica no intuito de obter o credenciamento junto aos órgãos governamentais locais e, assim, serem incluídos na programação festiva da cidade em tempos de alta estação turística.

Às dimensões simbólica, lúdica e devocional entrelaça-se a dimensão econômica, substituindo para alguns grupos a liberdade dos movimentos e das toadas evocadas por uma encenação em que predomina outras regras sociais, destacando-se o compromisso com os horários pré-estabelecidos, a limitação do número de brincantes, o tipo de vestimenta, o tempo de duração das apresentações culturais e o cumprimento do contrato previamente estabelecido.

Outros informantes destacaram as mudanças na coreografia, nas indumentárias, a valorização estética ou corporal dos brincantes e a predominância do aspecto lúdico, se comparados aos elementos devocionais e espirituais que também caracterizam a

manifestação. Constatou-se que a manifestação não é realizada integralmente nas apresentações destinadas aos turistas em virtude do tempo reduzido.

Muitos dos elementos sagrados são abreviados, como por exemplo, as toadas ou cânticos de louvações e reverências aos santos que ocorrem normalmente no início das apresentações. As toadas tradicionais são substituídas pelas denominadas toadas de cordão, as quais possuem maior receptividade junto ao público espectador.

Ainda, em alguns momentos ocorrem tensões entre a tradição reatualizada e a performance turística. Os entrevistados apontaram o crescimento de número de brincadeiras de bumba-meu-boi e de grupos parafolclóricos como parte integrante da relação entre o turismo e a cultura popular.

Alguns brincantes enunciaram que a adequação das brincadeiras populares ao calendário turístico pode, em longo prazo, comprometer a espontaneidade da manifestação cultural, redimensionando o significado da brincadeira enquanto momento de celebração, mobilização e participação popular e sua transformação em espetáculo comercial no sentido de atrair turistas e visitantes à cidade. Os organizadores citaram como conseqüências dessas constantes ressignificações, em especial, o excesso de brilho e luminosidade das indumentárias, o apelo estético dos brincantes, uma maior aproximação com o carnaval do Rio de Janeiro e o boi de Parintins, no Estado do Amazonas.

Tendo em vista as mudanças operadas na dinâmica do bumba-meu-boi, na visão dos brincantes e organizadores, a valorização dos espaços do cotidiano popular, onde se revelam momentos específicos e que não são encenados durante as apresentações oficiais – tais como o batismo, a confecção de indumentárias e adereços, os ensaios – seriam fundamentais para a compreensão das simbologias e dos significados que o bumba-meu-boi adquire para seus participantes. Revelam ainda oportunidades de intensificar as relações entre brincantes/moradores no sentido de favorecer o sentimento de pertença à cultura local, e entre brincantes/turistas, com o objetivo de ampliar

as informações sobre o folguedo popular e permitir a inserção das comunidades aos benefícios decorrentes da utilização turística dos barracões.

Nesse sentido, observa-se que os barracões de bumba-meu-boi podem se inserir numa nova proposta de aprendizado e vivências por meio da atividade turística, através do reconhecimento, por parte dos visitantes, das práticas sociais ligadas ao ciclo ritualístico dessa manifestação, a exemplo dos batizados, dos ensaios e da morte do boi que integram o calendário festivo dos barracões.

Essas celebrações, nas quais preponderam símbolos, códigos sociais, representações, formas de comunicação e sociabilidade intergrupais específicos, comumente não figuram como elementos representativos no âmbito das propostas turísticas baseadas na cultura popular, em geral dissociadas do contexto sócio-econômico onde ela é produzida, e podem se tornar elementos diferenciadores da oferta turística de São Luís, além de estimular ações de resgate, preservação e valorização do bumba-meu-boi na cidade.

4. Os barracões de bumba-meu-boi como espaço de visitação turística: possibilidades e desafios

Conforme exposto anteriormente, os lugares de memória consistem na materialização das práticas sociais, dos saberes e fazeres tradicionais. Os espaços de interação coletiva, de vivência e reciprocidade cultural, são carregados por um forte sentimento de territorialidade e se traduzem em lugares dotados de sentimentos de pertença e afetividade. Ao serem apropriados pelos atores sociais, tornam-se significativos por cristalizarem fatos ou acontecimentos pessoais, podendo vincular-se à infância, às atividades corriqueiras, aos encontros sociais ou religiosos, às manifestações populares tradicionais.

Enriquecidos na dinâmica das relações sociais, os lugares populares emergem como referências culturais para uma determinada comunidade, cujos

valores e sentidos transcendem suas características estilísticas, tornando-se relevantes para a compreensão de sua própria trajetória cultural. Na visão de Gastal (2002, p. 77):

As diferentes memórias estão presentes no tecido urbano, transformando espaços em lugares únicos e com forte apelo afetivo para quem neles vive ou para quem os visitam. Lugares que não apenas têm memória, mas que para grupos significativos da sociedade, transformam-se em verdadeiros lugares de memória.

Identificados pelos brincantes como espaços de enraizamento comunitário e de irradiação de expressões populares tradicionais, nas quais se entrelaçam o trabalho e o lazer, a diversão e a devoção, o sagrado e o profano, os barracões de bumba-meu-boi denotam verdadeiros espaços de memória, destinados à elaboração e à circulação de novos saberes.

Os barracões de bumba-meu-boi desempenham essa função junto aos brincantes, ao ser simbolizado como suporte para a reafirmação do bumba-meu-boi como elemento identitário, embora apresentando no presente novas significações. Os barracões de bumba-meu-boi apresentam-se como espaços polissêmicos, equivalendo ao momento de reencontro dos brincantes e devotos com as tradições locais, servindo como referência identitária (Figura 2).

Lugar de circulação de bens simbólicos, de troca de favores entre os devotos e os santos e, sobretudo, de reatualização de uma memória étnico-cultural específica nestes locais observa-se o entrelaçamento dinâmico entre o passado e o presente, num ciclo dinâmico de rupturas e continuidades através do qual se afirmam e se repõem as identidades. Neles ocorre o aprendizado informal de jovens ao universo ritualístico desta tradição, além de arrolar os mecanismos de solidariedade intergrupais: confecção de indumentárias, adereços, instrumentos de percussão, e aquisição das demais matérias primas necessárias para as apresentações de bumba-meu-boi nos terreiros e arraiais disseminados na cidade e no interior do Estado (Figura 3).



Figura 2 | Barracão do bumba-meu-boi da Maioba.



Fonte: acervo da Secretaria Municipal de Turismo de São Luís (2008).



Fonte: acervo do grupo cultural da Floresta (2009).

Figura 3 | Confecção de adereços e indumentárias de bumba-meu-boi da Floresta.

Além de focalizar a brincadeira do bumba-meu-boi, os barracões, em geral, abrigam outras manifestações existentes nas comunidades, tais como a Festa do Divino Espírito Santo e o Tambor de Crioula, o que nos leva a inferir que os barracões são lócus de compartilhamento de experiências entre os membros de uma dada coletividade, de um saber-fazer transmitido e constantemente reinterpretado, de acordo com as visões de mundo de cada grupo social.

Seguindo essa perspectiva, os bens patrimoniais edificados ou intangíveis, apresentam-se como oportunidade de apreensão da cultura local pelos visitantes, e de mútuo aprendizado aos diferentes grupos

sociais. Contribuem também para a efetividade das trocas materiais e simbólicas e para o desenvolvimento do valor da hospitalidade no destino turístico foco de apreciação.

Na medida em que se busca o interacionismo entre a comunidade anfitriã e o público visitante, acompanhamos Rosa (2002, p. 36), ao indicar o posicionamento de grupos de turistas que “manifestam uma outra aproximação com a festa, um interesse em participar e em identificar-se com os momentos vividos naquele tempo e espaço”, e que se contrapõe à postura consumista e contemplativa do patrimônio local que caracteriza a sociedade pós-moderna.

O intercâmbio sócio-cultural entre a população residente e os turistas, e a vivência festiva destes últimos no universo dos barracões de bumba-meu-boi, permite a assimilação de conhecimentos sobre as celebrações juninas e uma maior compreensão sobre alteridades. A ênfase recai, portanto, menos no aspecto visual, estético e performático das apresentações de grupos de bumba-meu-boi – presente em alguns eventos institucionalizados e que possuem como temário os festejos juninos –, do que na significação simbólica que este bem cultural se reveste para os membros de uma comunidade.

Além de informar o público visitante, problematizando e historicizando o conteúdo simbólico do bumba-meu-boi de forma lúdica e interativa, a operacionalização de roteiros turísticos nos barra-

ções possibilita a apropriação deste fato cultural pela comunidade, “além da questão identitária, a recuperação da memória leva ao conhecimento do patrimônio e este, à sua valorização por parte dos próprios habitantes do lugar” (Barretto, 2001, p.47), estimulando o sentimento de pertencimento e, por extensão, a incorporação de valores de afetividade e apreço à cidade de São Luís.

A arregimentação dos barracões de bumba-meu-boi enquanto produto turístico apresenta possibilidades de valorização do legado cultural dos diversos grupos sociais. Entretanto, apresenta alguns desafios, sobretudo no que se refere ao planejamento da oferta cultural e à participação das comunidades no gerenciamento de seu patrimônio para o turismo.

No processo de formatação dessas áreas para a visita turística, torna-se necessária a valorização dos lugares de memória pelas comunidades que neles habitam, trabalham ou desenvolvem algum vínculo afetivo ou emocional. À preservação dos patrimônios culturais perpassa o desenvolvimento de ações educativas, de valorização e interpretação dos bens edificados e intangíveis, promovendo a sua salvaguarda, difusão e promoção (Murta & Albano, 2002).

Na visão de Lucas (2000) o turismo pode ser aprendido como a combinação das manifestações autênticas de um determinado local, município ou da região, atrelado à existência de serviços e infraestrutura para sua apresentação, promovida por moradores, profissionais ou administradores. O contato intercultural proporcionado pelo turismo tende a contribuir para o fortalecimento do sentido de pertencimento dos atores sociais em relação à sua cultura, mediante a compreensão do seu lugar social e cultural e favorecendo perspectivas de valorização e revitalização do patrimônio cultural existente em áreas urbanas.

O turismo cultural deve permitir que as comunidades locais percebam a importância desses espaços para a construção de sua identidade, e possam atuar de forma eficiente e pró-ativa nas estratégias de implantação ou dinamização da atividade turística

nesses locais. Dessa forma, pressupõe e exercita a capacidade social dos atores de comunidades por meio de projetos definidos de acordo com seus valores e anseios, alicerçados nos recursos culturais reais e potenciais na utilização de seus significados e experiências históricas e coletivas, no sentido de guiar de forma autônoma o seu desenvolvimento.

As propostas de visita turística nos lugares de memória devem inserir os agentes construtores do lugar na condução e interpretação das histórias, simbologias e significados da cultura apresentada visando à apreciação de turistas, visitantes, e para os membros da comunidade, “os sujeitos dos diferentes contextos culturais têm um papel não apenas de *informantes*, mas de *intérpretes* de seu patrimônio cultural” (Fonseca, 2003, p. 114, grifo da autora).

Outro aspecto a ser considerado diz respeito à criação de mecanismos de participação das comunidades na eleição dos lugares a serem vocacionados para o turismo. A intensificação e ampliação dos espaços de diálogo com a comunidade permitem que esta não apenas atue no processo de identificação e seleção dos espaços de visita turística, mas estabeleça quais aspectos ou elementos devam ser enfatizados, delimitando o grau de interferência do turismo na dinâmica local:

[...] a participação popular pelo incentivo às manifestações locais torna-se um ponto benéfico em que a localidade se prepara a partir de seus próprios interesses, e que justamente serão a sua marca registrada e diferencial, evitando-se o artificialismo e a promoção de fenômenos produzidos e sem razão de existirem. (Bahl, 2003, p. 66)

Torna-se necessário enfatizar que as transformações dos espaços do cotidiano popular, em suas múltiplas variações, como produto ou bem de consumo cultural não se justifica apenas pelo viés econômico decorrente do aproveitamento turístico. O planejamento turístico desses espaços deve considerar o seu sentido simbólico como elemento referencial para a construção e afirmação de identidades.

Compreende-se que as culturas são dinâmicas e sofrem processos constantes de adaptações em seus conteúdos e formas culturais. Assim, o turismo é entendido como instrumento de reforço das identidades e de articulação das culturas locais, à medida que estimula a participação da comunidade no processo de planejamento e gestão da oferta turística.

A sustentabilidade no turismo cultural, sobretudo naquele baseado nos legados culturais, pressupõe uma atenção especialmente voltada para as especificidades locais, os problemas sociais e para a diversidade cultural. A promoção da sustentabilidade está diretamente relacionada a uma concepção estratégica e em longo prazo de desenvolvimento que deve se apoiar, segundo Irving (2003), numa interpretação interdisciplinar e integral da dinâmica das comunidades e suas tradições culturais.

A construção da sustentabilidade no turismo é consequência da responsabilidade de todos os envolvidos, um processo complexo que exige adaptações, mudanças, propõe agendas e modelos para políticas públicas e, principalmente, compromisso com seus princípios. Para alguns é ainda somente uma utopia, mas para muitos tem se tornado cada vez mais uma realidade, sobretudo para aquelas pessoas, grupos sociais e principalmente comunidades onde os princípios encontram reflexos nas representações e reproduções das relações sociais e estão transformando as realidades locais. Reportando-se à cultura, segundo Rodríguez (1997, p. 58):

A dimensão cultural busca nas raízes endógenas, a diversidade e a pluralidade cultural, pela preservação do patrimônio, dos recursos culturais em respeito aos modelos autóctones. Através da capacidade de autogestão das comunidades locais, participando na tomada de decisões, procura sistemas alternativos de tecnologia e produção.

No contexto em que as políticas públicas de preservação do patrimônio cultural tencionam a inserção social numa perspectiva mais ampla de desenvolvimento, o fortalecimento das identidades

culturais prescinde de ações afirmativas capazes de consolidar práticas coletivas de gestão dos lugares de memória visando a dinamização da economia.

A articulação institucional e a formação de parcerias são essenciais para a continuidade e funcionalidade de projetos turísticos sustentáveis, elevando ou mantendo os benefícios para as comunidades locais.

A partir dos poderes públicos e das agências de turismo poderiam ser planejadas ações, por meio do estudo do patrimônio histórico e cultural, tanto nos sertões quanto nos espaços periféricos urbanos, como oficinas, cursos, espaços de debates e sociabilidade, a fim de resgatar habilidades específicas e atividades de trabalho, como artesanatos, gastronomia, folclore, danças típicas, folguedos, religiosidade popular e criação de espaços da memória como os museus populares. Em boa medida, o fruto desse trabalho poderia contemplar o direito à cidadania cultural, ou seja, criar diversas frentes de inserção econômica e sociourbana. (Cardoso, 2006, p. 72)

O enfoque sobre os lugares de memória torna-se um importante instrumental para os provedores turísticos da região e do seu entorno, na medida em que esses poderão vislumbrar novas alternativas para a implantação de modelos de gestão sustentável nos espaços turísticos, maximizando as potencialidades naturais e culturais da destinação, em prol de uma prática de turismo capaz de agregar valor à experiência dos visitantes.

O planejamento da oferta cultural deve promover uma interlocução permanente com os grupos sociais construtores do lugar turístico, incorporando os lugares mantenedores de sua identidade, no sentido de buscar uma maior integração entre turistas e residentes nos espaços de vivência comunitária, além de possibilitar variadas leituras e interpretações dos bens culturais.

Lucas (2000), ao citar os princípios do turismo cultural tomando por base o *National Trust for Historic Preservation*, estabelece algumas diretrizes necessárias para a formatação e gerenciamento da oferta turística baseada no legado cultural:

- Autenticidade e qualidade: contar a verdadeira história do lugar; a história distingue um lugar do outro; agrega valor e qualidade ao produto cultural, tornando-o mais atraente ao turista cultural; os profissionais envolvidos devem conhecer bem as características culturais e patrimoniais e as especificidades locais, para entender a demanda segmentada; os visitantes têm interesse de descobrir a trama humana e social que permeia a história local e não apenas nomes e datas; interpretações inteligentes e verdadeiras são fundamentais;
- Encontrar o equilíbrio entre a comunidade e o turismo cultural: as circunstâncias locais determinam o que pode ser feito em turismo cultural; os programas elaborados devem considerar os recursos e características que os autóctones dispõem e desejam com partilhar. Existência de produtos formatados e temáticos;
- Visão comunitária: definir a identidade da comunidade, “o jeito de ser” característico da localidade, como parte de seu patrimônio, bem como de seu estilo de vida; elaborar descrição da comunidade (a história das contribuições genuínas das gerações passadas e presentes desperta o interesse das pessoas).

A partir dessas assertivas, observa-se que o aproveitamento do patrimônio cultural pela atividade turística deve considerar os elementos definidores da cultura sob o olhar da comunidade, incrementando a oferta local com roteiros, serviços e produtos que enalteçam a vivência dos turistas no destino, além de enfatizar o protagonismo da comunidade em áreas de interesse turístico.

Dessa forma, o turismo cultural pode, efetivamente, contribuir para a compreensão intercultural e proporcionar experiências significativas, tanto para a comunidade local, quanto para os visitantes.

As instituições de fomento ao turismo devem atuar em parceria com os demais órgãos públicos e privados no sentido de promover melhoria nas condições objetivas de vida das classes populares

em amplos setores, tais como saúde, educação, infra-estrutura básica e de suporte para o desenvolvimento turístico.

É primordial a criação de espaços para a disseminação das manifestações tradicionais: oficinas e ateliês, centros culturais, além de promover ações de educação patrimonial para turistas e comunidade, no intuito de valorizar o saber-fazer dos mestres populares, estimulando a integração dos atores culturais, estabelecendo ainda mecanismos eficientes de controle e avaliação das manifestações populares.

Tais iniciativas, envolvendo a participação do poder público, empresariado e das instituições não governamentais, tendem a contribuir para a responsabilidade social e para a geração de benefícios sociais e econômicos através do turismo, estimulando o desenvolvimento endógeno:

A essência do planejamento turístico local exige que a comunidade, em todos os seus segmentos, tenha consciência de seu patrimônio material e imaterial e que decida sobre o que compartilhar e o que preservar para a sua guarda e proveito próprio, e também como e onde deseja que essa troca se efetue. (Beni, 2004, p. 19)

Assim, o envolvimento da comunidade torna-se premissa essencial na implementação de propostas e de modelos de desenvolvimento do turismo cultural nas próximas décadas. A ampliação do conceito de sustentabilidade pressupõe uma visão holística e sistêmica do turismo, com as comunidades estabelecendo mecanismos de controle da capacidade de carga social, monitoramento e avaliação das atividades desenvolvidas.

Observou-se que os barracões de bumba-meu-boi apresentam múltiplas possibilidades de apreciação do patrimônio cultural local ao expressar conteúdos simbólicos específicos, posto que se tornam sede de apresentações culturais, de manifestação de festas sagradas e profanas, as quais permitem a compreensão da dinâmica sócio-cultural da cidade (Figura 4).



Figura 4 | Elementos culturais presentes nas sedes dos barracões.

Desse modo, faz-se necessário um conjunto de ações visando à conformação destes espaços para o desenvolvimento do turismo cultural, no sentido de promover benefícios para a comunidade diretamente envolvida na manutenção do bem patrimonial. Enquanto símbolo das memórias e experiências individuais e coletivas que teceram o patrimônio cultural da cidade, o processo de planejamento do turismo cultural no âmbito dos barracões de bumba-meu-boi deve considerar as seguintes estratégias:

- a) Promover adequações físicas e estruturais nos barracões, favorecendo a recepção sistemática de visitantes locais e externos à comunidade interessados no conhecimento do patrimônio cultural;
- b) Valorizar a ambiência e a dinâmica sócio-cultural dos espaços populares, evitando-se a padronização, a cenarização, e a descaracterização da manifestação cultural, no intuito de promover as singularidades históricas e culturais;
- c) Realizar levantamento sobre a diversidade do patrimônio imaterial junto aos brincantes, organizadores e comunidade local, no sentido de elaborar um calendário cultural dos barracões, para fins de divulgação deste espaço junto às agências de receptivo da cidade;

- d) Estimular a educação patrimonial e a qualificação profissional nas áreas de museologia e atendimento ao público, no intuito de possibilitar a valorização das manifestações, além de instrumentalizar grupos culturais para a condução das visitas no interior do prédio, valorizando suas tradições, costumes e modos de vida, e elevando a sua auto-estima.

O aproveitamento turístico dos barracões de bumba-meu-boi necessita, portanto, de um planejamento integrado que estabeleça relações entre essa manifestação e os demais elementos que compõem o patrimônio cultural de São Luís, no sentido de promover o uso sustentável dos recursos culturais, objetos de interesse dos turistas e da comunidade.

5. Considerações finais

A diversidade das relações humanas e sua produção cultural estão no cerne das discussões sobre o conceito de patrimônio cultural e, por conseguinte, da preservação dos bens culturais. Criação coletiva e *locus* privilegiado de compartilhamento da dinâmica

social, o patrimônio cultural representa as diferentes experiências humanas, eco de memórias e identidades plurais.

O patrimônio cultural, apreendido como testemunho das diversas vivências dos grupos sociais enquanto membros de uma coletividade apresenta-se sob várias matizes, considerando os aspectos tangíveis e espirituais que produzem sentido e significado ao herdado cultural transmitido de geração em geração.

Ao legado cultural associam-se construções, edificações, práticas sócio culturais, manifestações populares, saberes, ritos e celebrações presentes também nos espaços de enraizamento comunitário, tornando-os verdadeiros lugares de memória para uma comunidade.

A argumentação desenvolvida tencionou uma reflexão acerca das possibilidades e desafios na transformação dos barracões e bumba-meu-boi como espaços de visitação turística da cidade de São Luís, Maranhão. Mediante a pesquisa realizada, compreende-se que os barracões de bumba-meu-boi tornam-se marcos significativos e legitimadores dessa manifestação popular na cidade de São Luís, Maranhão, posto que tornam-se elo de compartilhamento de vivências, aprendizado e reciprocidade cultural para os brincantes e membros da comunidade.

Por meio das entrevistas e da observação participante em diferentes etapas que compõem o ciclo da brincadeira popular, tornou-se possível inferir que os barracões constituem-se patrimônios afetivos, de significância cultural por servirem de cenário para a reprodução simbólica do folguedo popular em tempos de profundas transformações.

Diante das modificações operadas no sentido de conferir maior visibilidade do bumba-meu-boi no cenário turístico, a formatação de roteiros de visitas aos locais onde se processam as interações entre os brincantes e a comunidade amplia o olhar sobre essa manifestação para além da sua estética, estimulando o aprofundamento das relações, usos e significados que ela possui para os grupo ou batlhões de bumba-meu-boi. Assim, torna-se válida

a associação entre patrimônio imaterial e turismo, notadamente em sua vertente cultural.

Considerando que o turismo cultural deve priorizar os aspectos de singularidade presentes em uma região vocacionada para o turismo, a fim de que os promotores turísticos possam apresentar os conteúdos culturais de forma a estimular a compreensão entre visitantes e visitados, os barracões de bumba-meu-boi podem contribuir para otimizar a experiência turística, além de promover a valorização do patrimônio cultural local.

O valor e o significado que o patrimônio adquire enquanto enunciador de diferentes histórias, identidades e memórias, tornam-se imprescindíveis para o processo de formatação dos bens patrimoniais em produtos ou atrações turísticas. O aproveitamento dos barracões de bumba-meu-boi pode se tornar uma alternativa viável para dinamizar a oferta turística e cultural da cidade de São Luís, diversificando as opções de visitação.

Ainda, o uso turístico pode se inserir nas novas necessidades da demanda turística que tende a buscar maior interação e integração nos espaços de vivência e convivência comunitária, no sentido de proporcionar um enaltecimento da experiência turística, oportunizando e viabilizando um cenário emotivo e acolhedor, ao estimular o contato dos visitantes com o patrimônio imaterial local.

Constata-se ainda que este segmento deve ser desenvolvido de forma a preservar o patrimônio cultural dos lugares, permitindo, deste modo, que haja a manutenção das manifestações existentes para as gerações futuras. Nesse sentido, o estudo considera que os barracões de bumba-meu-boi podem se constituir elementos diferenciadores da oferta turística da cidade de São Luís, oportunizando aos turistas, visitantes e aos membros da comunidade uma visão mais ampla acerca dessa manifestação, sua importância e significados como referência à memória e à identidade local.

O planejamento sustentável da atividade turística deve priorizar os significados das produções culturais para uma dada sociedade, além de sinalizar

atitudes de compromisso e de responsabilidade dos turistas e comunidades em relação ao patrimônio local.

Referências

- Appolinário, F. (2009). *Metodologia da Ciência: filosofia e prática da pesquisa*. São Paulo, Pioneira: Thomson Learning.
- Ashton, M. (2006). Turismo: a mutação do cotidiano. In M. Barretto (Org.), *Turismo, cultura e sociedade* (pp. 11-23). Caxias do Sul: Educs.
- Bahl, M. (2003). *Perspectivas do turismo na sociedade pós-industrial*. São Paulo: Roca.
- Barretto, M. (2001). *Turismo e Legado Cultural: as possibilidades de planejamento*. São Paulo: Papirus.
- Barros, A., & Lehfeld, N. (2000). *Fundamentos de metodologia*. São Paulo: Makron Books.
- Beni, M. (2004). Um outro Turismo é possível? A recriação de uma nova ética. In S. Gastal & M. Moesch (Orgs.), *Um outro Turismo é possível*. São Paulo: Contexto.
- Berdoulay, V. (2007). Enjeux iconographiques dans l'aménagement des lieux de mémoire (Contribution à l'ouvrage prévu sur le thème "Lieux de mémoire, commémoration et identité dans la francophonie canadienne"). *Cahiers de Géographie du Québec*, 16.
- Bonfim, N. (2005). O conceito de patrimônio numa perspectiva multidisciplinar: contribuições para uma mudança de enfoque. *Revista Turismo e Desenvolvimento*, 5, 27-35.
- Brandão, C. (1982). *O que é folclore*. São Paulo, Brasiliense.
- Bruner, E. (1996). Tourism in the Balinese Borderzone. In L. Swedenburg (Org.), *Displacement, Diaspora, and Geographies of Identity* (pp. 157-179). Durham: Duke University Press.
- Canclini, N. (1985). *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo: Brasiliense.
- Canclini, N. (2000). *Culturas Híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp.
- Cardoso, G. (2006). História Social, Patrimônio Cultural e Turismo: interfaces entre Campos de Saber e Práticas Sociais. In C. Martins (Org.), *Patrimônio Cultural: da memória ao sentido do lugar*. São Paulo: Roca.
- Carvalho, J. (2000). O lugar da cultura tradicional na sociedade moderna. In J. Carvalho (Org.), *Seminário Folclore e Cultura Popular: as várias faces de um debate* (pp. 23-38). Rio de Janeiro: Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/FUNARTE.
- Chauí, M. (2007). *Cultura e Democracia*. Coleção Cultura é o quê?. Salvador.
- Clifford, J. (1998). *A Experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. (P. Farias, Trad.). Rio de Janeiro: UFRJ, Org. José Reginaldo Santos Gonçalves.
- Costa, F. (2009). *Turismo e patrimônio cultural: interpretação e qualificação*. São Paulo: SENAC.
- Dias, R. (2006). *Turismo e patrimônio cultural: recursos que acompanham o crescimento das cidades*. São Paulo: Saraiva.
- Fonseca, M. (2003). Para além da pedra e cal: por uma nova concepção ampla de patrimônio cultural. In R. Abreu & M. Chagas (Orgs.), *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Gastal, S. (2002). Lugar de memória: por uma aproximação teórica ao patrimônio local. In S. Gastal (Org.), *Turismo: investigação e crítica*. São Paulo: Contexto.
- Geertz, C. (1989). *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Editora LTC.
- Goodey, B. (2002). Turismo Cultural: novos viajantes, novas descobertas. In S. Murta & C. Albano (Orgs.), *Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar*. Belo horizonte: Ed UFMG, Território Brasília.
- Guarinello, N. (2001). Festa Trabalho e Cotidiano. In I. Jancsó & Í. Khantor, *Festa: Cultura e Sociabilidade na América*, Vol. II. São Paulo: HUCITEC, Editora da Universidade de São Paulo, FAPESP: Imprensa Oficial.
- Hall, S. (2000). Quem precisa da identidade? In T. Silva (Org.), *Identidade e Diferença*, (4.ª ed.) (pp. 103-131). Rio de Janeiro: Vozes.
- Hallbwacs, M. (1991). Fragmentos de la memoria colectiva. *Revista de Cultura Psicológica*, Año 1, numero 1. Mexico: UNAM - Faculdade de Psicologia.
- Irving, M. (2003). Turismo como instrumento de desenvolvimento local. In M. D'Ávila & P. Rosa (Orgs.), *Tecendo o desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Mauad.
- Jeudy, H. (1990). *Memórias do social*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Laraia, R. (1997). *Cultura: um conceito antropológico* (11.ª ed.). Rio de Janeiro: J. Zahar.
- Le Goff, J. (1996). *História e Memória*. Campinas: Unicamp.
- Lima, C. (2002). Os bois entre aspas. *Boletim da Comissão Maranhense de Folclore*, n.º 18, São Luís.
- Lucas, S. (2000). *Turismo cultural no Vale do Paraíba: uma experiência histórica*. 2.º Congresso Brasileiro De Turismo Rural, Turismo: novo caminho no espaço rural brasileiro. Piracicaba.
- Marques, F. (1999). *Mídia e experiência estética na cultura popular: o caso do bumba-meu-boi*. São Luís: Imprensa Universitária.
- Martins, A. (2004). *Patrimônios afetivos: afetos, uso e ciência patrimonial*. II Congresso Internacional de Patrimônio Cultural, Congresso Internacional Patrimonio Cultural. Córdoba.
- Minayo, M. (1994). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Moesch, M. (2000). *A produção do saber turístico*. São Paulo: Contexto.
- Murta, S., & Albano, C. (Orgs.). (2002). *Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar*. Belo Horizonte: E. UFMG, Território Brasília.
- Nora, P. (1993). *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. São Paulo.
- Oliveira, S. (1998). *Tratado de Metodologia Científica*. São Paulo.
- Pellegrino, C. (2002). *Patrimônio Cultural Urbano: de quem? Para Quê?* Congresso Internacional De Turismo Cultural (Notícias de Antropologia e Arqueologia, 2002).
- Pollack, M. (1984). Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, 2(3). Rio de Janeiro.
- Prats, L. (2003). Patrimonio + turismo = desarrollo? *Pasos, Revista de Patrimônio e Turismo Cultural*, 1(2).

- Rodriguéz, J. (1997). Desenvolvimento Sustentável: níveis conceituais e modelos. In A. Cavalcanti (Org.), *Desenvolvimento Sustentável e planejamento: bases teóricas e conceituais*. Fortaleza: UFC - Imprensa Universitária.
- Rosa, M. (2002). Festar na cultura. In M. Rosa (Org.), *Festa, lazer e cultura*. São Paulo: Papyrus.
- Sahlins, M. (1997). O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção. *Mana*, 3(1). Rio de Janeiro.
- Sánchez, A. & García, F. (2003). El turismo cultural y de sol y playa: ¿Sustitutivos o complementarios?”. *Cuadernos de Turismo*, 97-105.
- Santana, A. (2009). *Antropologia do turismo: analogias, encontros e relações* (E. Barretto, Trad.). São Paulo: Aleph.
- Santos, J. (1972). *O Bumba meu Boi do Maranhão*. Maranhão.
- Turner, V. (1974). *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis: Vozes.
- Turner, V. (2008). *Dramas, Campos e metáforas. Ação simbólica na sociedade moderna*. Niterói: Editora da UFF.
- Urry, J. (1996). *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: EDUSC.
- Yúdice, G. (2004). *A conveniência da cultura: usos da cultura na era global*. Belo Horizonte: UFMG.
- Zaoual, H. (2006). *Nova economia das iniciativas locais: uma introdução ao pensamento pós-global*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Zaoual, H. (2009). Do turismo de massa ao turismo situado: quais as transições?. In R. Bartholo, D. Sansolo & I. Bursztyn, *Turismo de base comunitária: diversidade de olhares*. Brasília: Letra e Imagem.